

## THE SAD SHEPHERD

There was a man whom Sorrow named his friend,  
And he, of his high comrade Sorrow dreaming,  
Went walking with slow steps along the gleaming  
And humming sands, where windy surges wend:  
And he called loudly to the stars to bend  
From their pale thrones and comfort him, but they  
Among themselves laugh on and sing alway:  
And then the man whom Sorrow named his friend  
Cried out, *Dim sea, hear my most piteous story!*  
The sea swept on and cried her old cry still,  
Rolling along in dreams from hill to hill.  
He fled the persecution of her glory  
And, in a far-off, gentle valley stopping,  
Cried all his story to the dewdrops glistening.  
But naught they heard, for they are always listening,  
The dewdrops, for the sound of their own dropping.  
And then the man whom Sorrow named his friend  
Sought once again the shore, and found a shell,  
And thought, *I will my heavy story tell  
Till my own words, reechoing, shall send  
Their sadness through a hollow, pearly heart;  
And my own tale again for me shall sing,  
And my own whispering words be comforting,  
And lo! my ancient burden may depart.*  
Then he sang softly nigh the pearly rim;  
But the sad dweller by the sea-ways lone  
Changed all he sang to inarticulate moan  
Among her wildering whirls, forgetting him.

## O PASTOR TRISTE

Havia um homem de quem a Mágoa se fizera amiga,  
E ele, com a Mágoa sonhando, sua elevada companhia,  
Foi a caminhar com lentos passos pelas areias cintilantes  
E sussurrantes, onde acodem as vagas batidas pelo vento:  
Então ele clamou às estrelas para que descessem  
Dos seus pálidos tronos e o consolassem, mas estas  
Somente riram e cantaram, cantaram e riram entre si:  
Então o homem de quem a Mágoa se fizera amiga  
Clamou, *Mar sombrio, ouve a minha lastimosa história!*  
O mar seguiu o seu rumo e fez ouvir o seu ancestral bramido,  
Vertendo as suas vagas de sonho entre colinas e colinas.  
Ele absteve-se de perseguir a sua majestosa presença  
E, detendo os passos num longínquo, ameno vale,  
Gritou toda a sua história às rutilantes gotas de orvalho,  
Ainda que estas nada pudessem ouvir, pois é certo que  
As gotas de orvalho só dão ouvidos ao som do seu gotejar.  
Então o homem de quem a Mágoa se fizera amiga  
Enveredou outra vez pela praia, aí encontrando uma concha,  
E pensou, *A minha penosa história irei contar*  
*Até que o eco das minhas palavras possa espantar*  
*A sua tristeza, lançando-a por um coração oco e perlado;*  
*Assim me seja cantada de novo a minha história,*  
*Assim possa o sussurro das minhas palavras consolar-me*  
*E, oh!, o meu antigo fardo abandonar-me de vez.*  
Então ele fez soar a sua suave canção junto à orla perlada;  
Mas a triste habitante que nos mares sempre voga solitária  
Tornou tudo o que o homem cantou num lamento inarticulado  
Entre os seus confusos remoinhos, votando-o ao esquecimento.

## THE MEDITATION OF THE OLD FISHERMAN

You waves, though you dance by my feet like children at play,  
Though you glow and you glance, though you purr and you dart;  
In the Junes that were warmer than these are, the waves were more gay,  
*When I was a boy with never a crack in my heart.*

The herring are not in the tides as they were of old;  
My sorrow! for many a creak gave the creel in the cart  
That carried the take to Sligo town to be sold,  
*When I was a boy with never a crack in my heart.*

And ah, you proud maiden, you are not so fair when his oar  
Is heard on the water, as they were, the proud and apart,  
Who paced in the eve by the nets on the pebbly shore,  
*When I was a boy with never a crack in my heart.*

## A REFLEXÃO DO VELHO PESCADOR

Vós, ondas, ainda que danceis aos meus pés como crianças na  
brincadeira,  
Ainda que brilheis e cintileis, ainda que ronroneis e rebenteis;  
Noutros junhos mais quentes do que estes, as ondas eram mais  
radiantes,  
*Quando eu era rapaz e não havia uma só fenda no meu coração.*

Nas marés já não se encontram arenques como em tempos idos;  
Com muita pena minha, pois muito rangiam os cabazes na carroça  
Que transportava a pescaria até à cidade de Sligo para ser vendida,  
*Quando eu era rapaz e não havia uma só fenda no meu coração.*

Oh, e tu, altiva donzela, não és tão formosa, quando o remo dele  
Se ouve na água, como eram, distantes e altivas, as que caminhavam  
Pelo fim de tarde junto às redes, na beira-mar coberta de seixos,  
*Quando eu era rapaz e não havia uma só fenda no meu coração.*

## THE BALLAD OF MOLL MAGEE

Come round me, little childer;  
There, don't fling stones at me  
Because I mutter as I go;  
But pity Moll Magee.

My man was a poor fisher  
With shore lines in the say;  
My work was saltin' herrings  
The whole of the long day.

And sometimes from the saltin' shed  
I scarce could drag my feet,  
Under the blessed moonlight,  
Along the pebbly street.

I'd always been but weakly,  
And my baby was just born;  
A neighbour minded her by day,  
I minded her till morn.

I lay upon my baby;  
Ye little childer dear,  
I looked on my cold baby  
When the morn grew frosty and clear.

A weary woman sleeps so hard!  
My man grew red and pale,  
And gave me money, and bade me go  
To my own place, Kinsale.

He drove me out and shut the door.  
And gave his curse to me;  
I went away in silence,  
No neighbour could I see.

## A BALADA DE MOLL MAGEE

Juntem-se à minha volta, criancinhas;  
Vamos, não me atirem mais pedras  
Só porque ando por aí a falar sozinha;  
Tenham piedade da Moll Magee.

O meu homem era um pobre pescador,  
Sempre com margens e marés no fito,  
A minha lida era salgar arenques  
Durante todo o santo dia.

Às vezes, ao sair da choupana onde os salgava,  
Mal conseguia arrastar os passos,  
Sob o abençoado luar da noite,  
Pela rua coberta de seixos.

Sempre fui fraca de saúde,  
Recém-nascida era então a minha filha.  
De dia cuidava dela uma vizinha,  
Até ao despontar da alba era eu quem dela cuidava.

Com o meu bebé me deitei, peito contra peito;  
Então, queridas criancinhas,  
Dei com a minha menina muito fria  
Quando a alba se fez límpida e gelada.

Como é profundo o sono de uma mulher cansada!  
O meu homem enfureceu-se e logo empalideceu,  
Deu-me dinheiro e mandou-me partir  
Para a minha terra, que é Kinsale.

Expulsou-me de casa e fechou a porta,  
Rogando-me todas as pragas;  
Em silêncio comecei a andar,  
Nenhum vizinho pude avistar.